

GUNNAR GUNNARSSON

ADVENTO



cavallo de ferro

Índice

Advento..... 11

Posfácio de Jón Kalman Stefánsson 81

Quando uma época festiva se aproxima, os homens preparam-se para a celebrar, cada um à sua maneira. Há muitas maneiras de o fazer. Benedikt também tinha a sua, que consistia no seguinte: no início da época natalícia – se possível, no primeiro domingo do Advento –, saía de casa munido de víveres, mudas de meias, vários pares de sapatos de couro novos e um pequeno fogão a querosene. Punha tudo isto na mochila, juntamente com uma lata de querosene e uma garrafinha de aguardente, e dirigia-se às montanhas, onde nessa época do ano se encontravam apenas aves de rapina tão implacáveis quanto o Inverno, raposas e uma ou outra ovelha tresmalhada. Era precisamente destas ovelhas perdidas que ia à procura, ovelhas que ninguém havia encontrado nas três recolhas habituais do Outono. Não queria que morressem de frio ou à fome nas montanhas, e encarava estes resgates como uma missão pessoal, porque mais ninguém se preocupava ou se dava ao trabalho de as procurar e de as levar para casa. Sentia uma certa responsabilidade por elas. Afinal, também eram seres vivos. O seu objectivo era, em suma, bastante simples: encontrá-las e levá-las, sãs e salvas, para casa antes que a grande festa do ano espalhasse a sua bênção sobre a terra e insuflasse de paz e bem-estar a alma dos homens que tinham agido o melhor que sabiam.

Benedikt partia sempre sozinho na sua caminhada de Advento. Mas estaria mesmo sozinho? Não tinha, é certo, companhia humana. No entanto, fazia-se acompanhar pelo seu cão e, na maioria das vezes, também pelo seu carneiro castrado, que, com um chocalho ao pescoço, lhe servia de guia. O cão que tinha nessa altura chamava-se *Leão* e era, de acordo com Benedikt, um verdadeiro Papa entre os cães. O carneiro chamava-se *Nodoso*, porque era robusto e rijo como um ramo repleto de nós de madeira.

Estes três eram há já alguns anos inseparáveis neste género de expedições, e tinham passado a conhecer-se, pouco a pouco, com aquele conhecimento profundo que talvez só seja possível entre espécies de animais muito diferentes, em que nenhuma sombra do seu próprio eu, do seu próprio sangue, dos seus próprios desejos ou vontades o possa confundir ou de certo modo obscurecer. Havia, na verdade, um quarto elemento no grupo, o meigo cavalo *Faxe*, que infelizmente era demasiado pesado e fraco de pés para atravessar a neve funda e fofa do início do Inverno e que, além disso, não suportava muitos dias de trabalho extenuante e a escassa comida com que os outros três sobreviviam. Benedikt e *Leão* tinham-se despedido dele com angústia e tristeza, embora só contassem ausentar-se por uma semana. *Nodoso* enfrentou a despedida como tudo o resto na sua vida, ou seja, com muita calma.

E foi assim que, naquele dia de Inverno, o trio partiu. Na dianteira seguia *Leão*, com a sua língua comprida de fora da boca, apesar do frio que se fazia sentir. Seguia-se o imperturbável *Nodoso* e, no fim da fila, Benedikt arrastava

atrás de si os seus esquis. A camada de neve ali em baixo, na Aldeia, estava ainda demasiado leve e solta para suportar um esquiador, e era assim necessário atravessá-la a pé, com o inconveniente de bater constantemente com as biqueiras dos sapatos em pedras e torrões gelados – enfim, era uma neve suficientemente compacta para nela se poder caminhar, mas, de resto, não servia para muito. *Leão*, como era típico dos cães, interessava-se por tudo e estava de muito bom humor. Por vezes, não se continha e largava a correr para gastar as energias e desanuviar um pouco, e logo regressava, envolto em nuvens de neve, para junto de Benedikt, a quem ladrava, enquanto saltava à sua volta, para lhe pedir carícias e elogios.

– Sim, és mesmo um verdadeiro Papa – dizia-lhe Benedikt, que usava este termo como um nome carinhoso para o amigo. Na sua boca, não havia maior elogio.

Atravessavam, naquele momento, a Aldeia em direcção a Botn, a última quinta por que passariam antes de entrarem nas montanhas. Tinham todo o dia à sua frente e avançavam com tranquilidade, seguindo a estrada, de quinta em quinta, e parando para cumprimentar as pessoas e os cães.

– Mas, por favor, toma uma chávena de café!

– Não, hoje não, quero chegar lá com tempo.

Assim, bebiam, ao invés, um copo de leite, todos os três. Benedikt teve de dar vezes sem conta a sua opinião acerca do tempo. Eram perguntas que lhe faziam com toda a simplicidade, e os seus interlocutores não tinham intenção de se intrometer na sua vida nem o mau gosto de se apresentar como profetas da desgraça. Mas tinham o direito de

perguntar, é claro. Algumas pessoas faziam-lhe também outras perguntas, tais como:

– O *Leão* é cão para encontrar o caminho de volta, mesmo no escuro e no meio de uma tempestade de neve?

Perguntavam-no em tom de gracejo e de olhos postos no chão, esforçando-se para não olharem, ainda que fugazmente, para o céu repleto de nuvens ameaçadoras. E depressa acrescentavam:

– Ah, claro que consegue encontrar o caminho, é um cão como deve ser!

– Todos os três sabemos encontrar o caminho de volta – respondia Benedikt, com toda a serenidade, enquanto tragava a sua malga de leite: – Obrigado.

– Quanto a isso, eu confiaria mais no *Leão*, se não contarmos com o *Nodoso* – dizia o agricultor, entrando em casa por um momento para ir buscar uma guloseima para o cão.

Benedikt, em tais ocasiões, evitava dizer que *Leão* era um verdadeiro Papa, fazendo tão-só sinal ao cão, com um aceno de cabeça, para lhe indicar que podia comer a guloseima à vontade, pois tinham tempo. Enquanto isso, davam a *Nodoso* um punhado de palha fragrante. Depois partiam os três.

Naquele dia, Benedikt não tinha ido à igreja, porque não tinha tempo para isso. Para chegar ao seu destino a uma hora decente e descansar um pouco, a fim de se preparar para acordar de madrugada e empreender a longa caminhada do dia seguinte, teria de se fazer à estrada o mais cedo possível. Era sobretudo por causa de *Nodoso* que optara por um ritmo lento no primeiro dia. Não que *Nodoso* não fizesse jus ao

seu nome nem fosse capaz de os acompanhar, mas era preciso ter cuidado para não o sobrecarregar desde o início. Era por isso que Benedikt não podia fazer um desvio até à igreja. No primeiro domingo do Advento, aquela sua caminhada até aos arrabaldes da Aldeia, rumo à charneca, equivalia a uma ida à missa. Além disso, antes de sair de casa, quando ainda sentado na borda da cama, no seu quartinho, tinha lido a leitura do dia, o capítulo 21 do Evangelho segundo São Mateus, que versava sobre a entrada de Jesus em Jerusalém. No entanto, pôde apenas imaginar o toque dos sinos e os hinos religiosos cantados na pequena igreja com telhado de turfa, e a prédica sábia e serena do pastor acerca da referida leitura. Mas o que podia imaginar tornava-se, de certo modo, real.

Caminhava, agora, na neve, rodeado de branco até onde a vista alcançava, e sob o céu invernal, cinzento-esbranquiçado e pesado. Além da neve, cercava-o também o gelo, que à superfície do lago surgia rasgado por nervuras ou revestido com uma ligeira camada de neve, e em toda esta brancura destacavam-se apenas as crateras achatadas e baixas que, aqui e acolá, irrompiam da neve e desenhavam anéis negros — uns maiores, outros mais pequenos —, numa espécie de aviso. Mas que género de aviso seria aquele? Alguém o conseguiria, algum dia, interpretar? Aquelas bocas de cratera escancaradas diziam talvez que «se tudo gelar, se as pedras e a água enrijecerem, se o ar congelar e cair na terra sob a forma de flocos brancos, como um véu de noiva, como uma mortalha, e se a tua respiração gelar na tua boca e a esperança no teu coração, e se, após a morte, o sangue nas tuas

veias arrefecer — pois bem, se tudo isso acontecer, o fogo continuará a viver dentro da terra». Talvez fossem essas as suas palavras de aviso. E o que pretendiam com este aviso? Talvez dissessem algo muito diferente. De qualquer maneira, se se desviasse o olhar destes anéis negros, constatar-se-ia que tudo o resto era branco, incluindo o lago da Aldeia, que se apresentava então como uma superfície branca e brilhante, polida e lisa como o soalho de um salão. Mas quem nos convidaria a dançar naquele salão?

E, como se nascesse de toda aquela brancura, com a qual contrastavam apenas os círculos negros das crateras e os pilares cinzentos de lava que se erguiam da terra aqui e acolá, pairava, naquele domingo, na Aldeia, uma solenidade que se apoderava do coração de todos os homens. Uma bênção incomensurável e branca como a inocência rodeava o fumo dos fornos acesos no dia santo de descanso, que se escapava das casas baixas muito distantes umas das outras e que quase desapareciam debaixo da neve, e sentia-se no ar uma paz inimaginável e inimaginavelmente tentadora — era o Advento. O Advento! Sim... Benedikt encheu a boca com a palavra. Saboreou com cuidado aquela palavra grandiosa, silenciosa, maravilhosamente estranha e, no entanto, ao mesmo tempo acolhedora. É verdade que não sabia ao certo o que significava, mas era uma palavra que continha, em si, expectativa, antecipação, preparação, e isso ele entendia. Com o passar dos anos, aquela palavra passara a conter, para ele, toda a sua vida. Afinal, o que era a sua vida, o que era a vida humana na terra, senão um serviço imperfeito e jamais concluído, que, contudo, valia a pena realizar por conta

destas expectativa, antecipação e preparação que o elevavam e o imbuíam de significado e valor?

Depois chegaram a outra quinta, e o quotidiano recebeu-os com a sua hospitalidade camponesa.

– Toma um café, por favor.

– Não, obrigado, hoje não. Estamos com pressa e os dias estão a ficar mais curtos, mas obrigado.

O dono da casa olhou atentamente para o céu, por muito tempo.

– Para ser sincero, acho que vem aí borrasca.

– Bem, há que aceitar o tempo que Deus nos dá – ripostou Benedikt.

O agricultor, por seu lado, esperava que a tempestade não chegasse antes do anoitecer. Benedikt não apreciava sobretudo este género de conversa e, bem, tinham de prosseguir.

– Mas esses teus companheiros servem para alguma coisa?! – disse o agricultor, que não queria deixar o homem partir, porque talvez o estivesse a ver pela última vez. Quem o poderia saber ao certo? Afinal, tivera, na verdade, um sonho bizarro, que lhe parecera tão real quanto a própria vida, um sonho no qual uma tempestade desabava sobre aqueles três para pôr à prova as suas almas, ou pior... – O *Nodoso* não é um empecilho? Podes confiar neles... nele e no cão?

– Se posso confiar neles? – respondeu Benedikt. – Estamos os três habituados a um pouco de tudo.

Não se deviam dizer coisas destas perante o perigo, não se devia ser presunçoso e desafiar os poderes sobrenaturais. O agricultor calou-se bem calado e deixou-o partir, e lá foram os três, e um homem cheio de dúvidas, profundamente

Todos os anos, no primeiro domingo de Advento, Benedikt, um homem simples, ruma às montanhas arriscando a sua vida para resgatar as ovelhas perdidas nas altas pastagens, prestando assim um serviço à comunidade. Acompanhado pelos seus dois fiéis animais, um cão e um carneiro, que com ele compõem «a trindade», este bom pastor prepara-se agora para a sua vigésima sétima viagem, a derradeira caminhada através de uma paisagem em que a fúria dos elementos parece cancelar os contornos do mundo num deserto branco, de uma solidão que é a verdadeira condição da própria existência humana.

Grande clássico moderno da literatura europeia, inédito em português, *Advento* é um dos títulos mais célebres e mais traduzidos de Gunnar Gunnarsson, que, a par de Halldór Laxness, ocupa o lugar cimeiro das letras islandesas. Drama de resistência heróica que evoca os Evangelhos e as sagas antigas, *Advento* é uma história simples tornada parábola universal, uma obra influente, cuja tradução em língua inglesa diz-se ter inspirado Hemingway a escrever *O Velho e o Mar*.

«A descrição das intempéries ressoa a Joseph Conrad,
tudo o resto é pura poesia.»

La Repubblica



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f cavaloferro
iX penguinlivros

ISBN 9789897870224



9 789897 870224 >